



*Ruína de Charque Caruaru, pintura sobre madeira e poliuretano feita em 2000. Adriana recheia azulejos com a carne de corpos moídos*

## CRÍTICA

# DESNUDAMENTO DO BRASIL

A carioca **Adriana Varejão** usa as entranhas da história do país como matéria-prima. Sua obra, exposta agora em São Paulo, revolve a narrativa oficial pacificada e chega às vísceras do inconsciente coletivo.

POR ROBERTO ALVIM

**A** obra de Adriana Varejão - pinturas, objetos e esculturas em exibição no **Museu de Arte Moderna de São Paulo**, sob a exemplar curadoria de Adriano Pedrosa - é apocalíptica: revelação súbita acerca das entranhas de nossa história. Recheando azulejos e paisagens que remetem ao período colonial está a carne dilacerada de corpos moídos. A artista carioca corta a assepsia de um passado domesticado, macula sua pele-máscara e nos defronta com o caos que a narrativa oficial pacificou.

Assim, figuras de escravos surgem ao lado de índios antropólogos, plantas carnívoras, seres aquáticos e lendas folclóricas: ícones dissonantes, fantasmagorias que povoam as vísceras de nosso inconsciente coletivo. Suas paisagens são instáveis: tensão entre a frieza do traço e a irrupção do emaranhado biológico, aliada a mudanças de tempos e espaços. A carne (assim como a natureza bruta) é sempre perturbadora, instaurando atavismos.

Não se trata apenas de produzir antíteses, mas de estabelecer desloca-

mentos que apontam para a revelação. Adriana não apresenta blocos de massa convulsivos, e sim pedaços com desvelamentos, servidos em pratos de cerâmica. O apocalipse - em seu sentido etimológico - é o método que norteia os procedimentos estéticos.

### EXPLOÇÃO DA CARNE

É como se o famoso corte do italiano Lucio Fontana, que deixa exposto o espaço por trás da superfície da pintura, operasse aqui para desvelar os verdadeiros tijolos de nossas casas-grandes. Uma questão, no entanto, problematiza a operação: é a artista quem corta a tela, ou é o caos sanguíneo que irrompe o plano e se impõe com a energia de sua violência represada? Quando uma sombra é soterrada, acumula forças imprevisíveis.

No quadro *O Sedutor*, o sistema formal se desdobra em um labirinto sem saída, feito para nos perdermos. A aparência inofensiva dos azulejos nos desvia. Em *Quadro Ferido*, a artista costura duas paisagens, a China antiga e o Brasil: sel-

vagem, e nos deparamos com índios ao lado de ceramistas. A tinta nanquim e o oceano do inconsciente os conectam, revelando insuspeitados traços em comum, inventando outras histórias, propondo mestiçagens. Uma ressalva: o posicionamento do painel *Carnívoras* não permite que o vejamos por inteiro à distância, diminuindo sua potência.

Mas é só. Os 41 trabalhos expostos permitem o retorno pulsante daquilo que foi ocultado deliberadamente para nosso conforto civilizado. No século 21, funcionam como um incontornável desencoberto do Brasil. **¶**

ROBERTO ALVIM é diretor e dramaturgo, fundador da companhia paulistana de teatro *Club Noir*.

### A EXPOSIÇÃO

*Adriana Varejão - Histórias às Margens*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (parque do Ibirapuera, portão 3, São Paulo, SP, tel. 0+11/5085-1300). Até 16/12. De 3ª a dom., das 10h às 18h. Grátis.